

Roberto Pereira Silva*Universidade Federal de Alfenas
Alfenas, Minas Gerais, Brasil

A correspondência intelectual de Celso Furtado

The Intellectual Correspondence of Celso Furtado

Resenha de:FURTADO, Celso. *Correspondência Intelectual: 1949-2004*. Organização, apresentação e notas de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 440 p.**Recebido em:** 24 nov. 2021.**Aprovado em:** 12 jan. 2022.**Publicado em:** 30 jun. 2022.


Avaliação realizada pela Equipe Editorial.




Introdução

O centenário de nascimento de Celso Furtado, comemorado em 2020, deu origem a muitas publicações sobre a obra do grande economista brasileiro. Destaca-se, dentre elas, a *Correspondência Intelectual: 1949-2004*. Organizado por Rosa Freire d'Aguiar – tradutora, jornalista e sócia-fundadora do Centro Internacional Celso Furtado – o livro contém uma seleção de 300 das mais de 15.000 cartas enviadas e recebidas por Celso Furtado e exhibe o amplo espectro de seus interesses e atividades ao longo de

* Professor Adjunto da Universidade Federal de Alfenas, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Doutor em História Econômica e graduado em História pela Universidade de São Paulo; Mestre em História Econômica pela Universidade de Campinas. E-mail: roberto.silva@unifal-mg.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/3297278885331709>

 <http://orcid.org/0000-0002-8194-5086>

mais de cinco décadas. A edição conta, ainda, com um posfácio de Luiz Felipe de Alencastro.

A ênfase maior incide sobre os anos 1960 e 70, período de exílio, não só de Furtado, mas de parte da intelectualidade brasileira e, depois, latino-americana. Isso dá ao livro um interesse que ultrapassa a biografia e as ideias do mestre paraibano e expõe um panorama geracional dificilmente visível em um único volume com a riqueza de detalhes revelados por essa correspondência. O leitor terá a impressão de que a caixa de correio de Celso Furtado funcionava como uma central de comunicação dos latino-americanos no estrangeiro. Em Paris, onde se estabeleceu a partir de 1965, enviava e recebia notícias, discutia ideias, respondia aos pedidos de auxílio de intelectuais brasileiros, latino-americanos e europeus. Os correspondentes eram os mais diversos. Entre os economistas, encontramos os liberais Eugênio Gudín e Roberto Campos; o staff cepalino, Raúl Prebisch, Aníbal Pinto, Juan Noyola Vásquez, Regino Boti, Víctor Urquidí; os europeus Albert Hirschmann, Nicholas Kaldor, Werner Baer, Ignacy Sachs e Oskar Lange. Além disso, políticos, sociólogos, ativistas e personagens ligados à cultura figuram entre os interlocutores de Celso Furtado, dando notícias do Brasil, fazendo convites para congressos, pedidos de artigos, solicitando ajuda intelectual e discutindo ideias.

Essa correspondência abre perspectivas para os historiadores do pensamento econômico em geral e sobre Celso Furtado, em particular. Basta pensarmos que, a despeito do aumento exponencial do número de trabalhos sobre sua obra, a evolução interna de seu pensamento é ainda de difícil apreensão. Alguns trabalhos empenhados nessa tarefa (Cf.: MALLORQUIN, 2003; SILVA, 2015) tiveram como principal ferramenta o cotejo de diferentes versões de um mesmo texto, ou as poucas revisões de livros e artigos que Celso Furtado fez ao longo da carreira. Mesmo os três volumes autobiográficos trazem lacunas para os estudiosos como, por exemplo, a quase ausência de menção ao processo de elaboração e composição do livro *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, de 1961. Portanto, essa *Correspondência Intelectual* pode inspirar novos trabalhos.

Na impossibilidade de abordar a totalidade dos caminhos de pesquisa abertos pela publicação, discorreremos sobre alguns temas ligados à produção de Celso Furtado, deixando de lado, por exemplo, o quadro que se pode depreender sobre as dificuldades dos exilados brasileiros e latino-americanos: o desejo de retornar à pátria, os pro-

blemas para recolocação profissional, a perda dos direitos políticos, o medo. Sem dúvida alguma, essas cartas trazem um panorama amplo sobre a vida no exílio. Além disso, será possível reconstituir a circulação internacional dos intelectuais, elemento fundamental na criação de um pensamento latino-americano. Basta pensarmos nas inteligências reunidas na Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e no Instituto Latino-americano de Planejamento Econômico e Social (ILPES), por exemplo.

Celso Furtado e os cientistas sociais

A construção de redes intelectuais foi uma das formas de atuação de Celso Furtado no estrangeiro e teve repercussões importantes em sua obra. Os anos de exílio mostraram a necessidade de discutir, compartilhar e trocar ideias e análises sobre a América Latina. A correspondência com Osvaldo Sunkel, Aníbal Pinto, Hélio Jaguaribe, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni e Luciano Martins testemunha esse anseio de pensar o continente de forma coletiva.

O golpe civil-militar no Brasil evidenciou que o problema do subdesenvolvimento não era exclusivamente econômico, mas tinha raízes sociais e políticas. Embora essa percepção estivesse no horizonte de Furtado desde a criação da Sudene, ela é renovada após o 1º de abril de 1964, ganhando nova dimensão e impondo a necessidade de uma reflexão coletiva. Isso vai se manifestar logo após sua saída do Brasil rumo à Santiago, onde Celso Furtado dirigirá um seminário no ILPES. Ele conta seu plano de trabalho para Luciano Martins, em carta de 20 de julho de 1964: “a ideia é repensar todo o problema do subdesenvolvimento com um critério mais amplo que o econômico, o que exigirá a cooperação de sociólogos e cientistas políticos. O Fernando Henrique Cardoso e o Francisco Weffort [...] vão trabalhar dentro do mesmo esquema” (p. 189).¹ Já em Yale, onde passa o ano letivo de 1964-1965, escreve a Octávio Ianni: “procurei deixar o terreno preparado para um enfoque interdisciplinar. Fernando Henrique, Francisco Weffort e outros do grupo de Santiago estão trabalhando em temas afins. Considero muito importante que nos mantenhemos em contato todos os que estamos trabalhando na mesma direção, pois somos um grupo muito reduzido” (p. 217).

1. Todas as citações referem-se à: Furtado (2021).

Essa busca de um trabalho coletivo abriu-se em diversas frentes. Uma delas foi a organização, por Celso Furtado, do número especial da revista *Les Temps Modernes* sobre o Brasil (FURTADO, 1986). Essa *Correspondência Intelectual* acompanha a discussão com os autores Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Florestan Fernandes, Hélio Jaguaribe, Otto Maria Carpeaux e mostra Celso Furtado revisando os textos dos colaboradores.

Outro resultado foi a criação do Clube Bianchi's, espécie de rede de colaboração intelectual de latino-americanos. Como Furtado explicaria a Luciano Martins, em 1965, que se tratava de “uma espécie de clube sui generis” composto por “Claudio Véliz, Osvaldo Sunkel, Jacques Chonchol, Orlando Fals Borda, Hélio Jaguaribe e eu. O Aníbal Pinto também entrou [...]. Pretendo propor o nome de Fernando Henrique e o seu” (p. 193). O grupo trocava cartas mensais, enviando trabalhos e descrevendo os temas em que vinham trabalhando. Uma revista onde todos publicariam, acentuando a unidade do grupo ficou definida como a argentina *Desarrollo Económico*.

A proximidade com sociólogos e cientistas políticos serviu também para unificá-los diante do avanço de novas formas de produção do conhecimento em Ciências Sociais. Comentando um artigo de Carlos Estevam na revista *Dados*, Furtado diz a Fernando Henrique Cardoso, em 21 de dezembro de 1966: “o fato de que haja surgido no plano universitário um grupo tecnicamente aparelhado a serviço de uma ciência social *non engagé*, grupo que receberá todas as facilidades e favores do aparelho oficial e oficioso, deve ser considerado com seriedade” (p. 101).

Com isso, é possível acompanhar a formação de uma comunidade de intelectuais latino-americanos, empenhados em compreender a realidade do continente e com uma concepção de produção do conhecimento e de ciências sociais específica, engajada. Demonstra, também, a concepção econômica de Celso Furtado, próxima das ciências sociais e empenhada em decifrar os enigmas de seu tempo.

O pensamento econômico de Furtado

Sem dúvida, o interesse maior da correspondência é o próprio pensamento de Celso Furtado. As cartas permitem-nos observar a gênese de alguns trabalhos, como suas reflexões iniciadas no ILPES e concluídas em Yale. Furtado escreve a Álvaro Vieira Pinto

em 30 de outubro de 1964, explicando que suas análises estão sendo feitas “à luz da experiência que tivemos todos no Brasil” (p. 73). Para Luciano Martins em 3 de novembro de 1964, ele conta: “estou presentemente concentrado na elaboração de uma tipologia econômica que nos permita, através de uma análise sequencial, determinar as efetivas possibilidades de desenvolvimento de nossa economia dentro do marco institucional do presente [...]. A conclusão geral a que vou chegando [...] é a de que caminhamos inexoravelmente para um impasse histórico” (p. 191). Em 26 de maio de 1965, uma vez concluído o texto mencionado, assim o resume para Octávio Ianni: “meu propósito foi avançar mais na análise econômica com respeito a algumas teses que vêm sendo apresentadas de forma algo imprecisa nos trabalhos da Cepal e outros” (p. 217).

O trabalho em questão é o artigo “Development and stagnation in Latin America: a structuralist approach” (FURTADO, 1965), republicado como o terceiro capítulo do livro *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina* (FURTADO, 1966). Ele é a base de sua tese sobre a estagnação no subcontinente que depois será criticada por Maria da Conceição Tavares e José Serra. A correspondência entre Celso Furtado e Tavares é importante pois explicita o prestígio intelectual do economista paraibano e as dificuldades que seus pares tinham em confrontar sua obra. Ao enviar uma cópia do trabalho, ela se desculpa pela crítica e explica: “há dois ‘pais’ intelectuais que tenho tentado em vão ‘matar’ nestes últimos anos: você e Aníbal Pinto”. Em seguida, diz ter escolhido Furtado “por várias razões: por se tratar de Brasil, pela ordem cronológica das influências (primeiro as mais antigas) e pela distância a que nos encontramos (dói menos)” e, também, “pelo desafio que você representa para mim e o quanto lhe devemos todos (os seus discípulos), nessa briga maior que é entender esse desgraçado país que é o nosso” (p. 212).

Furtado discute o texto. Primeiro, sugere que ela o transforme em dois artigos separados. Em seguida, ataca o ponto central: “para superar o modelo de *estancamento* você terá que apresentar outro, no mesmo nível de abstração, e não a interpretação de um caso concreto” (p. 212). Ou seja, o esforço que Celso Furtado vinha descrevendo aos interlocutores não era uma explicação sobre o Brasil, mas um modelo extensivo para toda a América Latina. Em seguida:

a *tendência a estagnação* não seria uma situação necessária, pela qual deveriam passar os países da A. Latina. Ela se havia manifestado em alguns casos e isso pedia uma explicação

teórica. Ela podia ocasionalmente ser modificada, dizia eu, quando intervinham certos fatores, como melhora dos termos de intercâmbio. É evidente que a ação do Estado, ampliando a frente de investimentos, uma forte entrada de capitais estrangeiros, a reorientação das inversões em benefício de setores em que é mais intensa a absorção de progresso técnico, entre outros fatores, podem ter o mesmo efeito (p. 213).

Dito de outra forma, Furtado aceita a crítica de Serra e Tavares para o caso brasileiro pois essas hipóteses foram consideradas em seu modelo. Ademais, enfatiza que os autores analisaram um fenômeno concreto, em movimento, enquanto Furtado teorizou uma tendência.

Outra grande novidade do livro são cartas que nos permitem acompanhar as condições de elaboração de *Formação Econômica do Brasil*. Sabemos que o livro foi escrito na Universidade de Cambridge, entre 1957-1958. *Correspondência intelectual* traz as cartas trocadas com Nicholas Kaldor, autor do convite para que Furtado frequente o *King's College*. Em 30 de janeiro de 1957, Furtado escreve-lhe para retomar seu projeto de “passar um ano acadêmico na Inglaterra, de preferência em Cambridge, para fazer alguma pesquisa e seguir alguns cursos e seminários sobre teoria econômica e política fiscal” (p. 303). Em 11 de abril, após submeter a candidatura, explica as linhas gerais de seu projeto de pesquisa: “o enfoque da política fiscal que o senhor recentemente desenvolveu abre novas perspectivas para a questão de incrementar a taxa de poupança em países com baixo consumo per capita e distribuição de renda extremamente desigual, e eu gostaria de seguir essa linha de pesquisa em conexão com os instrumentos de políticas de desenvolvimento econômico” (p. 305). Aqui, podemos ver como o interesse de Furtado, ao menos para justificar a sua ida para Cambridge estava centrado no estudo da teoria do desenvolvimento econômico. Nada indicava, portanto, o projeto de escrever uma interpretação sobre a *formação econômica do Brasil*.

Ao mesmo tempo, Furtado lutava para conseguir licenciar-se da Cepal. A correspondência com Prebisch mostra que, a despeito do apoio do argentino, a demanda constante pelos serviços de Celso Furtado foram atrasando sua partida. Já em carta de 21 de dezembro de 1953, Furtado, recusando a diretoria da Divisão de Desenvolvimento, justifica-se e lembra que “repetidas vezes, em etapas passadas, lhe comuniquei meu desejo de tirar licença das Nações Unidas por um prazo nunca inferior a um ano, para dedicar-me exclusivamente ao estudo” (p. 394). Disso podemos perceber que o de-

sejo de Furtado é antigo, fruto de sua vontade de aprofundar os estudos sobre teoria do desenvolvimento econômico. Momento decisivo para amadurecer essa decisão parece ter sido o relatado na carta a seu colega cepalino, Juan Noyola Vázquez, de 22 de fevereiro de 1955, em que comenta o trabalho de Arthur Lewis, “Desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de mão-de-obra”:

considero-o a coisa mais bem lograda que já vi sobre teoria do desenvolvimento. Segue ele exatamente a mesma orientação que adotamos nos estudos preliminares à elaboração da técnica de programação. Estou convencido de que se não tivéssemos sido desencorajados a ‘teorizar’ naquela etapa teríamos apresentado há dois anos os elementos básicos de uma teoria do desenvolvimento na linha dessa importante contribuição de Lewis (p. 353).

Dessa forma, podemos perceber a inquietação intelectual de Celso Furtado, que quer encontrar condições para dar vazão a suas reflexões e elaborar uma teoria do desenvolvimento econômico. Cambridge fornecerá as condições ideais que Furtado necessitava. Para além dos seminários e das discussões sobre desenvolvimento, ele irá escrever o que Ricardo Bielschowsky considerou a “obra-prima do estruturalismo latino-americano”, *Formação Econômica do Brasil*. Livro que ultrapassa os limites das reflexões cepalinas e introduz a história como um elemento central para compreender a formação do subdesenvolvimento.

Em carta de 8 de setembro de 1960, para Maurice Byé, seu orientador de tese na década de 1940, Celso Furtado discorre sobre o método adotado. Este

é o resultado de minha experiência durante dez anos de análise e interpretação dos processos de desenvolvimento econômico. Convenci-me de que a combinação da análise com o método histórico permite-nos compreender melhor o processo econômico de desenvolvimento, mesmo naqueles casos em que a informação de caráter quantitativo deixa muito a desejar (p. 302).

Nessa explicação, podemos perceber como a interpretação histórica de longa duração apresentada no livro foi elaborada em compasso com a análise do presente, o que o coloca entre as grandes obras que pensaram a Formação do Brasil. A carta prossegue, mostrando, também, a consciência da abordagem histórica de Furtado e nos

ajuda a entender por que ele nunca revisou, atualizou ou ampliou o livro: “muitos pontos que abordei poderão ser objeto de análise posterior, de maior profundidade, e que poderei fazer com a ajuda de estudantes universitários caso venha a integrar-me na Universidade do Brasil” (p. 302). Livro de intervenção no presente, de reflexão sobre o passado e fonte para pesquisas futuras. Celso Furtado, clarividente, já antevia os três caminhos trilhados ainda hoje por Formação Econômica no Brasil.

Como se pode ver pelos temas abordados nessa resenha, essa *Correspondência Intelectual* (1949-2004) é um estímulo para revisitar a obra de Celso Furtado, percebendo as conexões intelectuais que ele consolidou ao longo do tempo, bem como para acompanhar a evolução de seu pensamento.

Referências

- FURTADO, Celso (Org.). *Brasil: tempos modernos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FURTADO, Celso. *Correspondência intelectual: 1949-2004*. Organização, apresentação e notas de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- FURTADO, Celso. Development and Stagnation in Latin America: a structuralist approach. *Studies in Comparative International Development*, Yale, v. 1, n. 11, 1965.
- FURTADO, Celso. *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- LEWIS, W. A. Economic Development with Unlimited Supplies of Labour. *The Manchester School*, n. 22, p. 139-191, 1954. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9957.1954.tb00021.x>.
- MALLORQUIN, Carlos. *Celso Furtado: um retrato intelectual*. Rio de Janeiro; São Paulo: Contraponto; Xamã, 2005.
- SILVA, Roberto Pereira. *Celso Furtado, entre a história e a teoria econômica (1948-1959): uma interpretação historiográfica*. 2015. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: doi.org/10.11606/T.8.2015.tde-12112015-163949.